



CONSCIÊNCIA NEGRA



# Discursos fortes na tribuna da Câmara

Sessão solene reúne deputadas, ministras e líderes de movimentos em defesa da justiça racial nos espaços de poder

» DANANDRA ROCHA

A Câmara dos Deputados promoveu, ontem, uma sessão solene marcada pela afirmação da força política e simbólica da 2ª Marcha Nacional das Mulheres Negras por Reparação e Bem-Viver, que novamente ocupou Brasília dez anos após o histórico ato de 2015. No plenário Ulysses Guimarães, autoridades destacaram o papel das mulheres negras na reconstrução do país, denunciaram as persistências do racismo institucional e reafirmaram a urgência de políticas públicas que garantam dignidade, liberdade e vida.

A líder do PSOL na Câmara, deputada Talíria Petrone (RJ), abriu seu discurso visivelmente emocionada ao ver o plenário tomado por mulheres negras. “O povo brasileiro é uma mulher negra”, repetiu, afirmando que a imagem do plenário naquele dia, finalmente, representava a realidade do país. Talíria agradeceu a trajetória da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), de 83 anos, que “abriu caminho para muitas de nós”, e destacou que essa presença, hoje ampliada pela bancada negra, é resultado de resistência num ambiente historicamente hostil”.

A líder da bancada feminina, deputada Jack Rocha (PT-ES), seguiu o tom político ao destacar que a Marcha, mais que um ato, “é um projeto político de país”. Para ela, ocupar o plenário, disputar o orçamento e construir um Brasil antirracista são tarefas essenciais. Jack lembrou que o Parlamento ainda é palco de violências e discriminações, mas reforçou que a presença das mulheres negras é também um gesto de resistência: “Estamos aqui porque acreditamos que nossas mulheres não podem ser silenciadas, como tentaram fazer com Marielle.”

A ministra dos Direitos Humanos, Macacé Evaristo, resgatou a memória da Marcha de 2015, lembrando que, naquela época, as mulheres negras denunciavam o genocídio da juventude e a ausência de políticas públicas

estruturantes. Dez anos depois, lamentou, muitas pautas seguem abertas. “Se vocês combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer”, disse, em seu discurso, dirigindo-se às elites dominantes. Ao Estado brasileiro, o recado foi de que haverá enfrentamento, organização e pressão permanente para transformar instituições e construir justiça racial.

Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial, em entrevista ao **Correio**, disse que o principal desafio da mulher negra é o de se manter viva: “infelizmente as mulheres negras estão ali no topo de tudo que é violência, de assédio, dos assassinatos, dos feminicídios políticos, como foi o de Marielle, como foi o de Mãe Bernadette. Então acho que o maior desafio da gente, em primeiro lugar, é se manter viva.”

A ministra das Mulheres, Márcia Lopez, destacou que o Brasil não avança sem as mulheres negras. “Temos que radicalizar nossas lutas para enfrentar o racismo”, afirmou, defendendo mais ações estatais que garantam igualdade racial e de gênero. Ela lembrou que as mulheres negras seguem na linha de frente das periferias e das instituições públicas, e que o Ministério continuará de portas abertas para acolher e construir políticas de proteção, dignidade e bem viver. “Seguimos juntas pela vida e pela justiça racial e de gênero. Vamos cobrar sempre um país sem racismo e sem violência contra as mulheres.”

A deputada Benedita da Silva (PT-RJ), em entrevista ao **Correio**, reafirmou a importância do encontro em um momento em que, segundo ela, o país ainda falha em garantir direitos básicos, dignidade e segurança para as mulheres negras, maioria da população brasileira, mas ainda minoria nos espaços de poder. “Nosso objetivo, primeiro, é o bem-viver. Nós somos contra toda essa violência que está havendo com as mulheres, esse feminicídio. Nós temos baixa representatividade nos poderes, seja Legislativo, Executivo ou Judiciário.”

Kayo Magalhaes/Câmara



A sessão na Câmara dos Deputados teve o objetivo de prestar homenagem à Marcha das Mulheres Negras 2025: por Reparação e Bem-Viver



**Infelizmente as mulheres negras estão ali no topo de tudo que é violência, de assédio, dos assassinatos, dos feminicídios políticos, como foi o de Marielle, como foi o de Mãe Bernadette”**

**Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial**

## Enfrentamento ao racismo

O **Correio** também ouviu grandes representantes do movimento feminino negro. Fernanda Lopes, primeira representante do Fundo Baobá para Equidade Racial, que veio de São Paulo para participar, reforçou o caráter político e simbólico da mobilização. Para ela, o ato não é apenas uma celebração da presença das mulheres negras na capital, mas um movimento essencial para disputar rumos do país em um momento em que temas como violência, desigualdade e justiça climática voltam ao centro do debate público.

“Esse evento tem uma importância simbólica, uma importância prática. A Marcha Nacional de Mulheres Negras é fundamental

para o enfrentamento ao racismo e para identificar o que é pauta das mulheres, mas olhando para toda a sociedade, sobre desenvolvimento, sobre o direito a viver com dignidade, sem violência, sem racismo”, afirmou.

Ela destacou que a presença em Brasília representa um gesto político de ocupação dos espaços onde as decisões são tomadas. “Estar em Brasília reitera a necessidade de estar em espaços de poder para influenciar a agenda pública”, disse.

A força histórica da mobilização também ecoou na fala de Lígia Margarida Gomes, presidente da Sociedade Protetora dos Desvalidos, instituição fundada em 1832,

em Salvador, e considerada a primeira organização civil negra do Brasil e da América Latina. Para ela, o ato nacional ultrapassa fronteiras e reafirma redes de solidariedade fundamentais para enfrentar desigualdades ainda profundas.

“A importância está em construir redes, pontes de reparação. Pontes e redes que proporcionem o bem viver”, explicou.

Após a Sessão Solene, elas seguiram para marcha, na Esplanada dos Ministérios. À noite, representantes da marcha foram recebidas pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Edson Fachin.

**Leia mais na pag. 15**



ALEXANDRE GARCIA

**OS RISCOS AUMENTAM A CADA DIA E, AGORA, COM A IMPOSIÇÃO DE VIDA SEDENTÁRIA, NA LIMITAÇÃO DE UM PEQUENO QUARTO NA POLÍCIA FEDERAL, O AGRAVAMENTO É TURBINADO, COM RISCO DE INFARTO, AVC, COLAPSO RESPIRATÓRIO NO SONO OU DETERIORAÇÃO PSIQUIÁTRICA GRAVE, COMO ESTÁ NUM RELATÓRIO MÉDICO**

## Bolsonaro e Clezão

Transitado em julgado, findou o processo destinado a condenar Bolsonaro e começa a execução da pena de 27 anos. A defesa do ex-presidente julgou inútil usar o último recurso, como foi inútil qualquer defesa, desde o primeiro dia, pois a condenação já era anunciada pelos ministros mais falantes do Supremo. Mais do que uma sentença de prisão, Bolsonaro enfrenta, agora, com a imobilidade do confinamento, o risco de uma sentença de morte.

A facada de Adélio Bispo nunca cessou de agredir o corpo de Jair Bolsonaro. Depois dela, bisturis tiveram que entrar meia dúzia de vezes, na tentativa de corrigir as aderências;

mas provocaram mais cicatrizes que causam aderências, dificultando os movimentos do aparelho digestivo. O suco gástrico sobe em vez de descer e à noite tira o sono, com risco de broncoaspiração, que pode causar pneumonia. Por isso tantas hospitalizações de emergência. Os riscos aumentam a cada dia e, agora, com a imposição de vida sedentária, na limitação de um pequeno quarto na Polícia Federal, o agravamento é turbinado, com risco de infarto, AVC, colapso respiratório no sono ou deterioração psiquiátrica grave. Os riscos aumentam a cada dia e, agora, com a imposição de vida sedentária, na limitação de um pequeno quarto na

Polícia Federal, o agravamento é turbinado, com risco de infarto, AVC, colapso respiratório no sono ou deterioração psiquiátrica grave, como está num relatório médico pormenorizado, feito pelo Dr. Marcelo Caixeta, citando 30 fontes de pesquisa. Fico pensando se não foi esse o histórico do Clezão, que morreu depois de muitos pedidos para ir à prisão domiciliar.

O drama que começou no atentado de 6 de setembro de 2018 ainda não encontrou soluções. Nem na apuração do crime, nem nas consequências da facada. Impossível que Adélio tenha agido sozinho, já que alguém, na Câmara dos Deputados, registrou a presença dele

num gabinete de deputado, enquanto Adélio estava em Juiz de Fora. O deputado e delegado federal Alexandre Ramagem, em entrevista na Florida, revelou que estavam num caminho importante de apuração, quando veio a desativação de seguimento da pista. O agravamento da facada foi sentido por Bolsonaro por esses sete anos. Agora o confinamento vai potencializar as sequelas, mostra o Dr. Caixeta. O ex-presidente corre sérios riscos.

Onix Lorenzoni, parlamentar por 30 anos e várias vezes ministro de Bolsonaro, convocou as maiores bancadas — do agro e evangélicos — a se mobilizarem por anistia. O líder do PL, deputado Sóstenes

Cavalcanti, conta já 280 votos. O movimento acontece num mau momento para o governo se opor. Na Câmara, o presidente Hugo Motta se declara rompido com o líder do governo, Lindberg Farias. No Senado, o Presidente Davi Alcolumbre afastou-se do líder do governo Jacques Wagner, porque Lula indicou Messias sem nem sequer avisar Alcolumbre, que defendia a indicação de Rodrigo Pacheco.

Lula passa por outros maus momentos. A COP foi tiro pela culatra; foi vitrine, sim, mas das mazelas da região norte, e projetou o Brasil como um país bagunçado como a reunião do clima. Os impostos continuam crescendo. Até outubro,

o governo federal arrecadou 2,4 trilhões de reais dos pagadores de impostos, mas não mostrou a eles bons serviços públicos; só gastou mais do que cobrou do contribuinte; até agosto há um déficit de R\$ 86 bilhões. Os Correios estão em situação desesperadora. As facções criminosas ocupam partes do país e o presidente critica ações da polícia. A COP revelou a Amazônia dominada por narcotraficantes nacionais e estrangeiros - além das ONGs estrangeiras habituais. As viagens ao exterior parecem uma fuga dos problemas internos que o Presidente não consegue resolver. E que vão se acumulando para o ano eleitoral.